

**50 ANOS SEM CHE: *HASTA SIEMPRE, COMANDANTE!* A VISÃO DE
AMÉRICA LATINA E O CONCEITO DE REVOLUÇÃO DE GUEVARA–
PROBLEMAS E APONTAMENTOS**

*50 YEARS WITHOUT CHE: HASTA SIEMPRE, COMANDANTE! THE VISION OF
LATIN AMERICA AND THE CONCEPT OF REVOLUTION OF GUEVARA -
PROBLEMS AND NOTES*

Gustavo Menon¹
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: após 50 anos de sua morte, o pensamento de Che Guevara continua sendo objeto de discussões, reformulações e críticas. O seguinte estudo pretende debater a visão de América Latina e o conceito de revolução presente na obra de Ernesto Che Guevara. Para isso, à luz de seus textos sobre a guerrilha e a análise da Revolução cubana de 1959, o artigo estabelece as dimensões ideológicas do guevarismo e seu projeto para se pensar a revolução na América Latina. Com o objetivo de apontar as particularidades do pensamento de Che diante das demais correntes socialistas de seu tempo, em termos das táticas e estratégias revolucionárias, o presente estudo sinaliza para os avanços conceituais de suas contribuições. Ao mesmo tempo, sem perder de vista os equívocos e limites de suas formulações, o artigo, em seu término, almeja explanar uma crítica marxista em relação aos erros do *foquismo* e a percepção de Che Guevara sobre as condições materiais dos países latino-americanos durante os anos 1960.

Palavras-Chave: Che Guevara; Foquismo; Guerrilha; Revolução; América Latina.

Abstract After 50 years of his death, the ideas of Che Guevara continue to be object of discussions, reformulations and criticisms. The following study intends to discuss the vision of Latin America and the concept of revolution in the work of Ernesto Che Guevara. For this, in the light of his texts on the guerrilla war and the analysis of the Cuban Revolution of 1959, the article establishes the ideological dimensions of Guevarismo and its project to think the revolution in Latin America. In order to point out the peculiarities of Che's thought in the face of the other socialist currents of his time, in terms of revolutionary tactics and strategies, the present study points to the conceptual advances of his contributions. At the same time, without losing sight of the misunderstandings and limits of its formulations, the article aims to explain a Marxist critique of the errors of Foquism and the perception of Che Guevara on the material conditions of Latin American countries the 1960s.

Keywords: Che Guevara; Foquismo; Guerrilla; Revolution; Latin America.

¹ Doutorando em Integração da América Latina no PROLAM/USP. Mestre no Programa de Estudos de Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC-SP. Pesquisador do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais - NEILS/PUC-SP e no Centro Ibero-Americano da Universidade de São Paulo - CIBA/USP. Docente no SENAC-SP, no Instituto Sumaré de Educação Superior e na Faculdade de Guarulhos. *E-mail:* gustavo.menon@usp.br

1 CHE, O LIBERTADOR DO SÉCULO XX?

Ernesto Guevara de la Serna, mais conhecido como “Che”, nasceu na cidade de Rosário, na Argentina, em 1928. O mais velho de cinco filhos e estudante de medicina durante sua juventude, teve a adolescência marcada por um sonho de muitos latino americanos: atravessar o continente, como fizeram os libertadores da América ao longo do século XIX².

Ao invés do cavalo de San Martín, o imaturo asmático argentino escolheu uma velha motocicleta Norton 500cc, fabricada em 1939 e carinhosamente apelidada de “*La Poderosa*”, para percorrer a tão sonhada travessia continental. Junto a seu companheiro, Alberto Granado (1922-2011), o plano dos dois latino-americanistas era chegar até as terras de nascimento do grande libertador, Simón Bolívar, na cidade de Caracas, Venezuela. Passando por diversos rincões na Argentina, Chile, Peru, Colômbia e, por fim, Venezuela, a viagem de 1952 dos dois amigos argentinos se imortalizaria para a história como uma das passagens mais emblemáticas de um dos mais controversos personagens da América Latina do século XX.

Durante a viagem, Che, ainda então estudante de medicina, toma contato com todas as mazelas das “veias abertas da América Latina” e a obra marxista de José Carlos Mariátegui (1894-1930). O antigo jogador de rúgbi e xadrez viajou então por 4.500 km para conhecer não só o seu país, mas também todas as entranhas América do Sul. Ao regressar à Argentina, formou-se em medicina e partiu em nova empreitada em julho de 1953, desta vez para a América Central e México.

Na Guatemala, ao observar o governo Jacobo Arbenz, presenciou *in loco* as atividades da CIA para destituição de um governo democrático de cunho popular que apontava para projetos de reforma agrária. Neste período, o viajante latino-americano começa a consolidar suas teses anti-imperialistas³. Com a queda do governo guatemalteco, Che parte em destino ao México, onde vem a conhecer Fidel Castro em

² Vale destacar a influência de San Martín e o seu famoso “*Cruce de los Andes*” para a libertação do Chile em 1818. Tal campanha, sem dúvidas, foi determinante para entusiasmar o trajeto da viagem de Che que, durante sua epopeia pelo continente, passaria pelo Chile seguindo rumo a Caracas, na Venezuela, como sua etapa final.

³ Para o conceito de imperialismo neste trabalho, estarei me referindo ao conceito explanado por LENIN, V. L. (1966). “O Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo”. In: Obras Escogidas. Moscou: Editorial Progreso.

1955 - exilado em virtude ao assalto ao quartel de Moncada na ilha de Cuba em 26 de julho de 1953.

O contato entre Che e Fidel se materializaria como uma das mais belas amizades revolucionárias do século XX. Impressionado com a capacidade de liderança e visão estratégica, Fidel rapidamente chama o viajante argentino para compor as fileiras do movimento 26 de julho (MR-26-07) que, após a travessia do México a Cuba, pretendia organizar um levante armado para destituir o governo ditatorial de Fulgencio Batista em Cuba.

A viagem no barco *Granma*, com mais 81 companheiros, seria não só mais um episódio marcante da vida de Che, mas também um ponto determinante na trajetória da Revolução Cubana. Após um desembarque atrasado na ilha de Cuba, Che, Fidel e mais uma dezena de rebeldes acabam se refugiando na *Sierra Maestra*. Durante todo o ano de 1958, Che demonstrou uma capacidade incrível para diversas atividades no interior da guerrilha: ajudou a fundar a Rádio Rebelde, recrutava camponeses para o exército guerrilheiro e, acima de tudo, prestava cuidados médicos aos feridos durante os combates. Somado a isso, o jovem comandante também iria liderar as famosas colunas para o avanço do exército rebelde em direção às cidades mais povoadas na ilha de Cuba (VICAT, 2007; MARTÍNEZ HEREDIA, 2007).

Com extrema habilidade durante suas funções e contando com uma destreza ímpar, Che se tornaria assim um dos principais nomes da Revolução Cubana ao lado de Fidel e Raul Castro, bem como Camilo Cienfuegos e as mulheres Vilma Espín e Haydée Santamaría. O apoio dos camponeses durante o período da guerrilha nas montanhas moldará seu pensamento tático e estratégico para se pensar os caminhos e os desafios da Revolução em toda a América Latina. Para ele, a guerrilha só teria condições de triunfar caso a participação dos setores camponeses fosse fiel à bandeira revolucionária. Nas palavras do próprio Che (2009, p. 11) “ os camponeses nos ensinaram sua sabedoria e nós lhe ensinamos nosso sentido de rebeldia (...) hoje, os camponeses e as forças rebeldes de Cuba caminham unidos como um só homem⁴”.

De acordo com Fernando Martínez Heredia, doutor em Direito pela Universidade de Havana, mesmo assumindo funções burocráticas no governo revolucionário cubano

⁴ Che Guevara, Ernesto. Ao primeiro Congresso Latino-americano da Juventude, ago de 1960. In: textos políticos. São Paulo: Global Editora, 2009.

após o êxito da revolução em 1959, o foquismo guerrilheiro de Che Guevara seria a tônica para se pensar a revolução nos demais países latino-americanos e também em certos países do terceiro mundo, uma vez que o próprio Che iria atuar em lutas pela independência e descolonização de países africanos (CASTAÑEDA, 2006).

Che Guevara foi um dos principais líderes da Revolução Cubana. Dirigente militar, presidente do Banco Nacional, ministro da indústria, membro da cúpula da direção política, representante de Cuba no exterior, organizador do internacionalismo-militante, orador profundo e indivíduo carismático, brilhou em todos os terrenos da atividade revolucionária. Sempre unido a Fidel, impulsionou as posições e ideias mais avançadas dentro do processo. Foi o principal teórico da Revolução; seu pensamento é um dos pontos de referência do marxismo do século XX, e textos como *O socialismo e o homem em Cuba* evidenciam a existência de uma teoria e de um projeto libertador latino-americano (MARTÍNEZ HEREDIA, 2007, p. 275.)

Neste contexto, cabe analisar as próprias obras de Che sobre o que seria a revolução latino-americana após o triunfo cubano.

2 O LATINO AMERICANISTA E TERCEIRO MUNDISTA, ERNESTO CHE GUEVARA

Após abandonar seus cargos de governo em Cuba a partir de 1965, a vida de Che seria dedicada ao projeto revolucionário não só na América Latina, mas também em outras regiões permeadas pela violência, pelo atraso, pela fome, por doenças parasitárias e que, principalmente, sofriam o forte peso das potências imperialistas. Ao sair de Cuba, abdicando de todos seus privilégios de representante de governo, cubanos operários, artistas e camponeses se despedem de um dos maiores ideólogos do processo revolucionário. Carlos Puebla, artista inspirador da Nova Trova Cubana, movimento musical que defenderá as conquistas da revolução de 1959, escreverá a famosa letra “*Hasta siempre, comandante!*” numa clara mensagem de despedida ao herói revolucionário argentino, cubano e também latino-americano.

Congo, Tanzânia e, por fim, Bolívia foram os destinos finais do rebelde Che. Em 1967, deixando sua *Mensagem aos povos da Tricontinental*, Che alertava novamente aos

perigos do imperialismo⁵ e a necessidade de se fazer a revolução nos demais países da América Latina. Junto com revolucionários de diversos países, Che tentava disseminar a tese e o projeto revolucionário pela região, marcada, neste momento, por três grandes ditaduras militares (Bolívia e Brasil, 1964 e Paraguai a partir de 1954).

Mesmo em condições políticas tão desfavoráveis, o bravo Ernesto continuava apostando suas fichas em um movimento revolucionário. Eis as palavras de Che sobre como organizar uma revolução em toda América do Sul:

A classe camponesa da América constituirá o grande exército liberador do futuro, como já aconteceu em Cuba. Esse exército criado no campo, no qual amadurecendo as condições subjetivas para a tomada do poder; que do exterior vai conquistando as cidades unindo-se à classe operária e aumentando o caudal ideológico com esses novos contatos, pode e deve derrotar o exército opressor, inicialmente em escaramuças, combates e ataques de surpresa, e finalmente, em grandes batalhas, quando tiver crescido até deixar a pequena situação de guerrilha para se tornar num grande exército popular de libertação (CHE GUEVARA, 1961, p.25).

Conforme pontuado, a crença de Che Guevara se daria, majoritariamente, na promoção de uma revolução que tivesse como base a luta armada, essa, por sua vez, podendo ser dirigida por uma vanguarda revolucionária e com o amplo apoio do campesinato. Em sua obra, “A Guerra de Guerrilhas”, escrita no início dos anos 1960, Guevara (1982) sinaliza para 3 grandes pilares (ou teses) sobre a experiência da guerrilha e as possibilidades dessa tática para a revolução latino-americana. São eles:

- 1) As forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército.
- 2) Nem sempre há que se esperar que se dêem todas as condições para a revolução; o foco insurrecional pode criá-las.
- 3) Na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo (GUEVARA, 1982, p. 13).

Como pode-se observar, as teses *guevaristas*, à luz da época, apresentavam certas rupturas e críticas em relação ao modelo adotado pela III Internacional e o stalinismo propriamente dito. No que tange a primeira tese, Che deixa claro que é vitória é possível mesmo em condições adversas, conforme experimentado em *Sierra Maestra*. Já o segundo pilar, estabelecendo uma visão crítica diante da inoperância política dos partidos

⁵Para a visão anti-imperialista de Che, ver seu discurso em 8 de agosto de 1961 na OEA, bem como seu pronunciamento na 19ª Assembleia Geral da ONU, em 1964.

comunistas na América Latina em termos da luta revolucionária, Che rompe com o dogmatismo e evolucionismo stalinista⁶, alegando que as condições objetivas para o processo revolucionário deveriam ser criadas em consonância com a luta armada. Neste sentido, fatores como a consciência da classe, mobilização política e conhecimento teórico emergiriam de forma natural e concomitante a atuação dos guerrilheiros. Quanta a terceira tese, objeto de discussão e polêmica até os dias de hoje, a América Latina apresenta-se como uma região subdesenvolvida “e diante dessas condições o campo seria o seria o terreno no qual a luta revolucionária se desenvolveria e, portanto, o camponês seria o agente revolucionário” (PRADO, 2008).

Como pode-se observar, Che não enxergava com bons olhos o etapismo e a burocracia soviética da época, uma vez que, para ele, na realidade, ao querer desenvolver as forças nacionais para tirar a América Latina do atraso e do subdesenvolvimento contra o imperialismo norte-americano, dessa forma, paradoxalmente, os partidos com horizontes stalinistas atuavam como força contrarrevolucionária impedindo a necessidade da revolução na América latina como uma questão imediata. Nessa esteira, Che denuncia a formulação de uma aliança entre comunistas com uma suposta “burguesia nacional” de caráter progressista na América Latina. Che, na verdade, destaca que, mesmo com inúmeras contradições diante do imperialismo estadunidense, as burguesias internas da América Latina não possuem uma vocação revolucionária, associando-se, em última instância, com movimentos contrarrevolucionários. De modo inverso ao que acreditava muitos PCs latino-americanos, a aliança tática entre setores progressistas e uma fantasiada burguesia nacional não caminhará, necessariamente, para uma revolução social. Ao contrário, tais burguesias internas não carregariam um elemento nacional, configurando-se, evidentemente, como forças reacionárias aliadas ao capital estrangeiro e os grandes latifundiários, que buscava a todo custo frear qualquer tentativa de revolucionária, enquanto classes dominantes na América Latina (PRADO, 2008). Péricas (2002, p. 103) destaque também que “por seu caráter internacionalista, antiburocrático e libertário, Guevara foi muitas vezes acusado de trotskista, termo que não aceitava” uma vez que considerava o movimento trotskista sectário e errante. De qualquer maneira, tanto Guevara como Trotski eram a favor de um bloco internacional contra o modo de produção

⁶ Para ver as rupturas do pensamento de Che Guevara diante do stalinismo ver PRADO, Carlos Batista (2008). A guerra de guerrilhas de Che Guevara: entre rupturas e continuidades com o stalinismo. In: III Simpósio Lutas Sociais na América Latina, 2008, Londrina. III Simpósio Lutas Sociais na América Latina. Londrina: grafica UEL, v. 3. p. 190-190.

capitalista, negando a tese do socialismo em só país⁷. Dentro desse debate, para ambos, coexistência pacífica, portanto, seria ilusória e absurda, cuja tarefa central dos revolucionários seria espalhar a revolução permanente para os demais países do globo. Por outro lado, o argentino, ao contrário de Trotsky, “não confiava plenamente nos sindicatos e desconfiava de sua eficácia na luta revolucionária, colocando mais ênfase no papel da guerrilha e do campesinato todo que propriamente nas lutas proletárias nas cidades, nunca, é claro, as descartando” (Pericás, 2002, p. 104). Besancenot & Lowy (2009), sinalizam que o pensamento de Che Guevara aponta para o um socialismo heterogêneo, não engessado na burocracia soviética e, acima de tudo, não dogmático no que diz respeito às teses concebidas pelo stalinismo ou pela III Internacional. Mais do que isso, Besancenot & Lowy (2009) ressaltam que a revolução de Che Guevara na América Latina, assim como já ressaltado por José Carlos Mariátegui (2005), será uma obra inédita, não se configurando como decalque ou cópia de outros países. Segundo os autores, Che além de defender a ideia de um homem novo para a América Latina, também seria autor de um socialismo original, oposto à caricatura burocrática “realmente existente” do stalinismo e apegado em valores internacionalistas diante das lutas que floresciam no terceiro mundo. Por isso, sua projeção em compartilhar, principalmente, movimentos de libertação nacional de caráter socialista tanto na América Latina⁸, bem como no continente africano.

No entanto, vale ressaltar que as condições objetivas dos países latino-americanos apresentavam diversas peculiaridades, mesmo permeados pelo subdesenvolvimento e a fome. Neste contexto, cabe, por fim, levantar algumas contradições de natureza teórica acerca da tática e estratégia promovida por Che para se pensar o advento da Revolução latino-americana.

⁷ Em relação ao conceito de revolução permanente e internacionalista em confronto com Stálin, ver TROTSKY, Leon. A revolução permanente. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

⁸ Para um balanço sobre o marxismo na América Latina, consultar LÖWY, Michael. O Marxismo na América Latina. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

3 FOQUISMO, O NÓ GÓRDIO NO PENSAMENTO DE CHE GUEVARA

Outro personagem a exaltar a figura humana de Ernesto Che Guevara foi seu parceiro de guerrilha e líder da Revolução cubana, Fidel Castro. Em um discurso dias após a morte de seu amigo, em 1967, Fidel deixou uma mensagem ao povo cubano ressaltando o papel heroico de Che ao longo do período revolucionário cubano. Para ele, *“ningún hombre como él en estos tiempos ha llevado a su nivel más alto el espíritu internacionalista proletario!”* (CASTRO, 1967, p. 02).

Che era una de esas personas a quien todos le tomaban afecto inmediatamente, por su sencillez, por su carácter, por su naturalidad, por su compañerismo, por su personalidad, por su originalidad, aun cuando todavía no se le conocían las demás singulares virtudes que lo caracterizaron (CASTRO, 1967, p. 01).

Contudo, vale salientar que a conjuntura política parecia não favorável na realidade política boliviana, onde Che foi executando em 09 de outubro de 1967 em meio a guerrilha daquele país. Além de não contar com o amplo apoio do campesinato boliviano que, em grande medida, possuía uma natureza distinta do camponês cubano, a situação econômica e política na Bolívia também era díspar em relação à ditadura de Fulgencio Batista. Após passar por um momento de elevação social durante a década de 1950, com a nacionalização de setores estratégicos como as minas de estanho e jazidas de petróleo⁹, com forte participação popular frente a esse processo, a Bolívia vivenciava, desde 1964, um regime ditatorial de forte repressão social aos opositores colocando fim às experiências revolucionárias de 1952. Como é sabido, esse ciclo de autoritarismo se disseminará pela região do Cone-Sul assombrando a Argentina, Chile e Uruguai nos anos seguintes.

Assim como o Brasil durante o governo Dutra, a ditadura boliviana instaurada em 1964 pelo General René Barrientos Ortuño promoveu um alinhamento político automático aos interesses da CIA e da política estadunidense. Com um amplo programa de reabertura da indústria das minas de estanho ao investimento privado estrangeiro, a

⁹ Para esse período ver a dissertação de mestrado de OLIVEIRA ANDRADE, Everaldo de. O partido obrero revolucionário e a revolução boliviana de 1952. Universidade de São Paulo, 1997.

conjuntura boliviana também era permeada por essa forte aliança com os domínios vindos de Washington (OLIVEIRA ANDRADE, 2007).

Outro ponto de destaque diz respeito à teoria revolucionária guevarista. Apostando praticamente todas as fichas na ação do campesinato para a promoção de um movimento insurgente, o chamado foquismo de Che Guevara é contestado por amplos setores das correntes marxistas - em especial, as tendências trotskistas.

Jorge Abelardo Ramos (2014), historiador argentino, possui uma contundente crítica à visão foquista de Che Guevara sobre o entendimento de um processo revolucionário. Para Ramos, ao negar a correlação de forças externas e internas em um processo político e, acima de tudo, subjugar o papel do operariado, Che negaria, em última instância, a própria leitura marxista. Segundo o autor, toda e qualquer teoria revolucionária, à luz do marxismo, deveria levar em consideração uma política de alianças de classes entre o operariado e o campesinato latino-americano.

Toda revolução triunfante gera a sua lenda, além da vontade dos próprios triunfadores e, às vezes, por sua própria vontade. Durante muitos anos e, em particular, pela ação de Ernesto Che Guevara, se difundiu na América Latina a ideia errônea de que, graças à ação da guerrilha, os revolucionários cubanos derrotaram o exército e conquistaram o poder. Esta tese não só é falsa, como também contribuiu para o derramamento de sangue na América Latina e para todo gênero de aventuras sem destino. (...) A revolução cubana não triunfou pela decisão revolucionária de Fidel Castro, mas, antes de tudo, pela decomposição geral da sociedade semicolonial cubana, pela natureza policial das formas armadas de Batista e pelo apoio da imprensa norte-americana. Sem esse conjunto de circunstâncias sociais, econômicas, políticas, geográficas e históricas de 1953-1958, a guerrilha, por si só, não teria triunfado jamais (ABELARDO RAMOS, 2014, p. 502-503).

Marx (2011), em sua obra o 18 Brumário de Luís Bonaparte de 1852, já sinalizava aos perigos de uma não-aliança entre os trabalhadores campo e da cidade, uma vez que isso abriria, categoricamente, espaço para a união do próprio campesinato com frações de classes burguesas. No próprio manifesto comunista, de 1848, Marx & Engels, deixam claro o protagonismo e direção por parte da classe trabalhadora como sujeito revolucionário:

De todas as classes que hoje se opõem a burguesia, apenas o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária. As demais classes vão se arruinando e por fim desaparecem com a grande indústria; o proletariado é o seu produto mais autêntico. (MARX & ENGELS, 2002, p. 18).

De modo antagônico as teses de Engels & Marx, a tática de guerrilha de Che, deveria ser dirigida pelo campesinato e seu local de atuação, em grande medida, seriam os campos da América Latina. Conforme observado, Che subestima o papel das frações de classes urbanas uma vez que o campesinato seria o grande mentor dirigente das revoluções latino-americanas em virtude da região ser caracterizada pelo atraso e, principalmente, pelo subdesenvolvimento. Mesmo reconhecendo as particularidades e níveis desiguais em termos demográficos e de industrialização dos diversos países americanos ao longo de sua obra, Che aposta, fielmente, suas fichas em projeto revolucionário dirigido pelas classes camponesas na América Latina, independentemente do grau de desenvolvimento do país. Hobsbawm (1995) também comenta os equívocos da luta armada na América Latina:

Por toda a América Latina, entusiasmados grupos de jovens lançaram-se em lutas de guerrilha uniformemente condenadas de antemão sob a bandeira de Fidel, Trotski, ou Mão Tsé-Tung. Com exceção da América Central e da Colômbia, onde havia uma velha base de apoio camponês a tropas irregulares, a maioria dessas iniciativas desmoronou quase imediatamente, deixando atrás de si os cadáveres dos famosos – o próprio Che na Bolívia; o igualmente bonito e carismático padre rebelde Camilo Torres na Colômbia – e dos desconhecidos. Foi uma estratégia espetacularmente mal concebida [...] Contudo, mesmo quando os camponeses tomavam a estrada da guerrilha, esta raramente era um movimento camponês – as Farc da Colômbia são uma rara exceção. Eram feitas esmagadoramente na área rural do Terceiro Mundo por jovens intelectuais, vindos inicialmente das classes médias estabelecidas de seus países, mais tarde reforçadas pela nova geração de filhos e (mais raramente) filhas estudantes da crescente pequena-burguesia rural (HOBSBAWM, 1995, p. 428).

Sob esse cenário, vale dizer que, para muitos autores, o fator determinante da revolução cubana não foi a ação propriamente dita do campesinato cubano, conforme teorizado por Che, mas sim um conjunto de fatores políticos, sociais e econômicos que desmantelaram o regime neocolonial na ilha. Entre os fatores cruciais, Florestan Fernandes (2012) e Mao Jr (2007) apontam para a questão nacional em cubana e como o nacionalismo cubano, extremamente particular, foi peça chave para o advento da revolução. Moniz Bandeira compartilhara da mesma visão pontuando o nacionalismo cubano como elemento central da revolução 1959:

A Revolução Cubana foi autóctone, teve um caráter nacional e democrático, e, muito embora alguns de seus líderes, como Ernesto Che Guevara e o próprio Fidel Castro, acolhessem, em pequena medida, ideias marxistas, não era inevitável que ela se desenvolvesse a ponto de identificar-se com a doutrina comunista e sua forma de governo (BANDEIRA, 2009, p. 34).

De qualquer maneira, por fim, vale dizer que a figura de Che, mesmo diante de tais erros táticos, se colocaria em definitivo na história da América Latina. O revolucionário argentino-cubano do século XX se imortalizaria, assim, como um dos maiores latino-americanistas dos últimos tempos. Num ano onde completa-se 50 anos de sua trágica morte na guerrilha boliviana, fica a mensagem do poeta Júlio Cortázar e, sobretudo, de todas as classes oprimidas do continente: “*hasta, siempre, comandante!*”...

" Eu tive um irmão.
Não nos vimos nunca
mas não importava.
Eu tive um irmão
que andava pelas montanhas
enquanto eu dormia.
O amei ao meu modo,
lhe tomei a voz
livre como a água,
caminhei as vezes
perto da sua sombra.
Não nos vimos nunca
mas não importava,
meu irmão desperto
enquanto eu dormia.
Meu irmão mostrando-me
por detrás da noite
a sua estrela eleita.”

Julio Cortázar (1914-1984) "Eu tive um irmão". - Outubro de 1967

4 REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel** – a Revolução Cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BESANCENOT, Olivier & LÖWY, Michael. **Che Guevara**: Uma chama que continua ardendo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CARLOS PUEBLA, Canção: “**Hasta Siempre, comandante!**”Cuba: 1965.

CASTAÑEDA, Jorge. **Che Guevara: a vida em vermelho**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

CASTRO, Fidel. *Discurso Pronunciado Por El Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario Del Comité Central Del Partido Comunista De Cuba Y Primer Ministro Del Gobierno Revolucionario, En La Velada Solemne En Memoria Del Comandante Ernesto Che Guevara, En La Plaza De La Revolucion*, El 18 De Octubre De 1967. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f181067e.html>. Acesso: 23 de abril de 17.

CHE GUEVARA, Ernesto. **Ao primeiro Congresso Latino-americano da Juventude**, ago de 1960. In: textos políticos. São Paulo: Global Editora, 2009.

CHE GUEVARA, Ernesto. **Cuba: exceção histórica ou vanguarda na luta anticolonialista?** In: Textos Políticos, São Paulo: Ed. Global, 2009.

CHE GUEVARA, Ernesto. *Discurso en la reunión del Consejo Interamericano Económico y Social (CIES) celebrada en Punta del Este*, 8 de agosto de 1961.

CHE GUEVARA, Ernesto. **Discurso na 19ª Assembleia Geral da ONU em 1964**. Disponível em: <<https://www.novacultura.info/single-post/2016/04/25/Discurso-de-Che-na-19%C2%AA-Assembl%C3%A9ia-Geral-da-ONU-em-1964>> Acesso: 20 de abril de 2017.

CHE GUEVARA, Ernesto. **Mensagem a Tricontinental**, maio de 1967. In: textos políticos. São Paulo: Global Editora, 2009.

CHE GUEVARA, Ernesto. **O socialismo e o homem em Cuba**, março de 1965. In: textos políticos. São Paulo: Global Editora, 2009.

CHE GUEVARA, Ernesto. **A guerra de guerrilhas**. São Paulo: Edições Populares, 1982.

CORTÁZAR, Julio. Poema: **"Eu tive um irmão"**. Outubro de 1967.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo, Expressão Popular, 2012.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, L&PM, 2015.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São. Paulo : Companhia das Letras, 1995.

LENIN, V. L. **O Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo**. In: Obras Escolhidas. Moscou: Editorial Progresso, 1966.

LÖWY, Michael. **O Marxismo na América Latina**. São Paulo: Fundação PerseuAbramo, 1999.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Por um socialismo indo-americano: ensaios escolhidos**. (seleção de Michael Löwy). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. Che. In: SADER, Emir; JINKINGS, Ivana. (Coords.). **Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MAO JUNIOR, José Rodrigues. **A Revolução Cubana e a questão nacional (1868-1963)**. São Paulo: Editora do autor, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: MartinClaret, 2002.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo, Ed. Boitempo, 2011.

OLIVEIRA ANDRADE, Everaldo de. **A Revolução Boliviana**. São Paulo, Ed. UNESP, 2007.

OLIVEIRA ANDRADE, Everaldo de. O partido obreiro revolucionário e a revolução boliviana de 1952. **Dissertação de Mestrado**: Universidade de São Paulo – USP, 1997.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o trotskismo na América Latina. **Revista Outubro**, nº 06, São Paulo, p. 91-104, 2002.

PRADO, Carlos Batista. **A guerra de guerrilhas de Che Guevara: entre rupturas e continuidades com o stalinismo**. In: III Simpósio Lutas Sociais na América Latina, 2008, Londrina. III Simpósio Lutas Sociais na América Latina. Londrina: grafica UEL, 2008. v.3. p. 190-190, 2008.

RAMOS, Jorge Aberlado. **A história da nação latino-americana**. Florianópolis: Insular, 2014.

TROTSKY, Leon. **A revolução permanente**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

Recebido em: 20/02/2018

Aprovado em: 13/06/2019

Publicado em: 09/10/2019